

Recordação e poesia: Caminhos que se cruzam na obra de Casimiro de Abreu e Noémia de Sousa

Lídia Barroso Gomes Castro⁹⁵
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo

Neste artigo, examinaremos algumas das características românticas na poesia da escritora moçambicana Noémia de Sousa (1926-2002), sobretudo, *Poemas da infância distante* e *Um dia*, da obra *Sangue Negro* (2016), que dialogam com o poema *Meus oito anos*, d' *As primaveras* (1859), de Casimiro de Abreu (1839-1860), poeta brasileiro. Nos três textos o eu lírico evoca lembranças infantis e paisagens da terra natal que nutrem a saudade e o desejo de retorno às origens. Embora os autores estejam geográfica e historicamente separados, observamos que suas recordações fazem parte de uma coletividade que pretende alcançar autonomia poética e contribuem com a construção do pensamento nacional. Para esta discussão, consideraremos *Espaços da Recordação* (2011) de Aleida Assmann, que nos faz repensar o significado da recordação e seus nexos com a identidade pessoal, a história e a nação, “Intertextualidade: A migração de um conceito”, artigo de Tania Carvalhal (2003), que amplia a discussão sobre memória e esquecimento, “Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa”, de Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2007), que destacam a importância da literatura brasileira no processo de independência da literatura moçambicana. A partir dessas aproximações, buscamos contribuir com os estudos comparatistas que visem aproximar Brasil e Moçambique.

Palavras-chave

Romantismo. Modernismo. Poesia moçambicana. Recordações infantis.

⁹⁵ Mestra em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UFC); Graduada em Letras Português-Espanhol e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

1. Introdução

Segundo aponta Castello (1999, p. 18), as origens da literatura brasileira repousam no Período Colonial, entre os séculos XVI-XVIII, evoluem para o reconhecimento cada vez mais consciente da “relação indivíduo/terra”. O ápice da movimentação que visa a autonomia literária é marcado pelo nacionalismo romântico durante o Período Imperial, estendendo-se ao século XIX e às três primeiras décadas do século XX, quando finda a República Velha. Deste modo, observa-se que a formação da Literatura Brasileira é delineada a partir de tensões de caráter histórico, nas quais se destacam as relações de dependência política e econômica exercida por Portugal sobre o Brasil desde a chegada dos colonizadores em 1500. À medida que a colônia é explorada, paralelamente, o sentimento de pertença à terra, por parte dos nascidos no Brasil, evolui. É durante o Romantismo que a poesia brasileira se volta ao que lhe é próprio, ou seja, à busca não apenas pela autonomia política, mas também poética.

As discussões iniciais se concentram na oposição aos modelos clássicos greco-romanos e, posteriormente, na ruptura quanto às temáticas abordadas e à necessidade de uma produção poética na qual fossem valorizados aspectos nativos do Brasil. Conforme aponta Castello (1999, p. 278), o processo de ruptura ganha traços mais específicos a partir do final da primeira década do século XIX, tendo como ápice a poesia de Gonçalves de Magalhães, com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), a poesia de exaltação nacionalista de Gonçalves Dias, a publicação do romance *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, e a produção poética de José de Alencar, cuja obra sintetiza o projeto de literatura nacional. Após o grito de independência de 1822, o sentimento de pertencimento à nação ganha cada vez mais força entre poetas e intelectuais movidos pelos ideais franceses de liberdade, igualdade e fraternidade.

O pensamento nacionalista na literatura brasileira atravessa o século XIX e reaparece sob a revisão e renovação do movimento Modernista influenciado pelas vanguardas europeias, tendo como marco a Semana de Arte Moderna de 1922, movimento que questiona a estética das mais diversas expressões artísticas produzidas no Brasil que ainda mantinham raízes coloniais. Sobre o Modernismo, José Aderaldo Castello afirma no segundo volume de *A Literatura Brasileira*:

Certamente o Modernismo constitui um movimento de revisão e renovação que responde sobretudo às solicitações internas sob perspectiva histórica.

Período amplo e complexo, assemelha-se com o nosso Romantismo. Vimos que a época romântica de nossa história literária foi favorecida pelo interregno de transição de 1808 ao 1822/1936, de fins do colonialismo à Independência. Agora, com o Modernismo, reconhecemos também um interregno de transição, que vem do 1889/1902 ao 1922, esclarecedor das raízes nacionais deste movimento, portanto nexos históricos entre ele e antecedentes internos, além das contribuições externas (CASTELLO, 2004, p. 16).

José Aderaldo Castelo afirma que a “revisão e renovação” são características do Modernismo e as reconhece como propostas de caráter histórico. Além disso, o autor acrescenta que a revisão e renovação são comuns ao Romantismo e ao Modernismo, embora, neste último, haja predominância dos fatores políticos, econômicos e sociais, na passagem do colonialismo à Independência. No período de 1889/1902 ao ano de 1922, há que se considerar a Lei Áurea que pretendia extinguir o tráfico de escravizados africanos temática explorada antes e depois de 1888. O autor faz um paralelo entre o Romantismo e o Modernismo, ressaltando que em ambos os momentos há que considerar questões de natureza histórica, política e social. Mesmo que o Romantismo tenha contribuído com os ideais modernistas, é neste último que encontramos o “significado essencialmente intelectual” (p. 16).

O Modernismo como movimento “essencialmente intelectual” desperta novos olhares artísticos para além da Semana de Arte Moderna de 1922. O Movimento Regionalista dos anos 30, a Bossa Nova e o Tropicalismo são desdobramentos das possibilidades infinitas que o Modernismo proporcionou às artes no Brasil.

Países africanos de língua portuguesa, durante a construção do pensamento nacional, cujas literaturas ainda buscam autonomia, veem no Modernismo brasileiro a base dos seus questionamentos artísticos, políticos e sociais, sobretudo, escritores e intelectuais caboverdianos dos anos de 1920 e 1930. Fonseca e Moreira (2007, p.18) afirmam que “os poetas dessa fase eram homens comuns que caminhavam de mãos dadas com o povo e tinham os pés fincados na terra”. Os escritores brasileiros mais marcantes apontados pelas autoras são: José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Marques Rabelo, Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Ribeiro Couto.

Da mesma forma que os caboverdianos, os escritores moçambicanos dos anos de 1959 e 1975, possuem forte relação com as obras de escritores românticos e modernistas brasileiros, período em que a literatura de Moçambique se destaca no jornal *Voz de Moçambique*. Conforme comentam Fonseca e Moreira (2007 p. 48), a literatura

moçambicana, no processo de sua formação, possui pelo menos três fases: a fase colonial, a fase nacional e a fase pós-colonial. No entanto, são os escritores que exploram a temática de caráter social que contribuirão para a formação da literatura nacional moçambicana, entre eles Noémia de Sousa (1926-2002) e José Craveirinha (1922-2003), embora o escritor mais conhecido na literatura de Moçambique seja Mia Couto (1955-).

Neste artigo, refletiremos sobre alguns dos aspectos da poesia de Noémia de Sousa, especificamente, aproximações temáticas de *Poemas da infância distante* e *Um dia*, com o poema *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu.

2. Breve biografia de Casimiro de Abreu e Noémia de Sousa

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Indaiassu, no Rio de Janeiro em 04 de janeiro de 1839, filho do português abastado José Joaquim Marques e de Luísa Joaquina das Neves. Realizou seus estudos em Nova Friburgo e dedicou-se, a gosto de seu pai, ao trabalho no comércio, propriedade paterna, trabalho para o qual Casimiro não tinha vocação. A pretexto de uma viagem de descanso, Joaquim Marques envia o filho à Europa em 1853, a fim de que ele mudasse a forte inclinação que possuía pela poesia. Distante da pátria e da casa paterna, Casimiro é atormentado por uma profunda nostalgia, período em que iniciou sua vida literária, e, aos poucos, começa a sentir os primeiros sintomas da tuberculose.

Durante o período em que esteve em Portugal, escreveu *Canções do Exílio* (1854), *Camões e Jaú* (1856), peça teatral. Após retornar ao Brasil em 1857, publicou, em 1859, sua obra mais conhecida, a coletânea *Primaveras*. No entanto, escreveu *Carolina* (1856), romance, *Camila* (1856), romance inacabado e *A virgem loura: páginas do coração* (1857), prosa poética. Casimiro de Abreu faleceu seis meses depois de seu pai, em Nova Friburgo, no dia 18 de outubro de 1860, três meses antes de completar vinte e dois anos, vítima de tuberculose.

Carolina Noémia Abranches de Sousa, filha de pais mestiços, nasceu em Catembe, no litoral de Moçambique, a 20 de setembro de 1926. Herdou de seu pai o gosto pela leitura, com quem aprendeu a ler aos cinco anos de idade. Ainda na infância, aos oito anos, perdeu o pai e, aos dezesseis, precisou trabalhar para ajudar na educação dos irmãos, enquanto se mantinha ligada aos amigos defensores das letras, das artes e

dos ideais libertários de Moçambique. A partir da publicação do seu poema *Canção Fraternal*, no *Jornal da Mocidade Portuguesa* em 1948, tornou-se próxima ao grupo revolucionário de jovens moçambicanos, do qual participavam Rui Guerra, Orlando Mendes, José Craveirinha e outros.

Noémia de Sousa, devido às críticas ao sistema colonial português em Moçambique, foi degredada para Portugal em 1951. Entre 1952 e 1972, foi deportada para Paris, onde continuou a exercer a função de jornalista, poetisa e tradutora. Seus poemas circulavam em jornais da época, sendo publicados em livro pela primeira vez sob o título de *Sangue Negro* (2001), pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), e, no Brasil, em 2016, pela Editora Kapulana. Noémia de Sousa faleceu em Portugal, em 2002, aos setenta e seis anos.

3. Recordação e poesia: caminhos para dois poetas em tempos e espaços distintos

Casimiro de Abreu, no texto de apresentação da obra *As primaveras* (1859), narra o início de sua produção poética, destacando as recordações que tinha da irmã menor e a saudade que sentia da convivência na casa paterna: “As lágrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei – Às Ave-Marias: – a saudade havia sido a minha primeira musa” (ABREU, 1859, p.1). Em Portugal, onde compôs maior parte de seus poemas, o poeta sente saudades de sua pátria, a qual chama de “ninho”, e observa que no Minho a natureza não é bela como a dos sertões brasileiros que conheceu na infância.

Casimiro de Abreu, semelhante aos demais poetas românticos, valoriza as paisagens naturais da terra de origem, onde repousam suas recordações, e busca cantá-las numa linguagem própria, conforme vemos no texto introdutório de *As primaveras*:

O filho dos trópicos deve escrever numa linguagem – propriamente sua – lânguida como ele, quente como o sol que o abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopéias como a dos – Timbiras – e acordar os Renés enfatiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de – I-Juca-Pirama – nós, cantores novéis, somos as vozes secundárias que se perdem no conjunto dum grande orquestra: há o único mérito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas – Primaveras – não passam de um ramalhete das flores próprias da estação, – flores que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos frutos do outono (ABREU, 1859, p. 2).

O poeta tem como meta uma linguagem capaz de exprimir suas emoções. A linguagem deve aproximá-lo do que é característico na terra da qual ele faz parte, seja através dos aspectos naturais, “o sol” e “as matas”, ou por intermédio da literatura que evoca o que é nacional, uma vez que são mencionados *Timbiras* e *I-Juca Pirama*, poemas de Gonçalves Dias. Para Casimiro de Abreu, somente o vocabulário poético nacional seria capaz de acordar os entediados pela poesia de François-René de Chateaubriand, poeta do pré-romantismo francês.

Casimiro de Abreu, na condição de poeta novo, face à tradição romântica, reconhece que ele e outros poetas fazem parte de uma “orquestra” maior e anterior a eles que também cantou epopeias de sua terra e vê nestes poetas românticos a referência de pertencimento ao Brasil. Assim, sua poesia segue o exemplo das vozes primeiras. Casimiro de Abreu reconhece que poetas iguais a ele são secundários a Gonçalves Dias, mas, humildemente, enxerga o seu mérito e o dos seus pares em não ficarem calados diante de uma poesia que exalta e impõe o que é nacional.

Ao comentar sobre a poesia de Casimiro de Abreu, Coutinho (2004, p. 163) afirma que a poesia de Casimiro de Abreu é apontada costumeiramente pela crítica e pelos historiadores da literatura como coloquial, simples e sentimental, próprios de um adolescente, destacando-se as palavras *primavera*, *esperança*, *amor* e *saudade*, já no seu primeiro livro, o que talvez justifique a preferência do povo pela sua poesia. Entretanto, o autor destaca (p. 182-183) que a poesia de Casimiro de Abreu não deve ser desmerecida pelo seu vocabulário, uma vez que se integra a “um cenário mui caro tantos quantos tenham conhecido certa paisagem que hoje vai rareando à aproximação do progresso”. Este aspecto, segundo Afrânio Coutinho, também é reconhecido por Carlos Drummond de Andrade que considera singela a forma como Casimiro de Abreu descreve as pequenas cidades do interior, semelhantes às do campo.

Em nosso estudo, destacamos no poema *Meus oito anos* a infância e as recordações como recursos poéticos que o poeta se apropria como forma de construir uma linguagem que visa enaltecer a pátria. O poema *Meus oito anos*, escrito em 1857, enquanto o escritor estava em Lisboa, é embalado pela saudade e pelas recordações infantis de sua terra que intensificam seu sentimento de pertencimento ao Brasil:

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores.
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
(ABREU, 1859, p. 14)

As recordações da infância acompanham o poeta e levam-no a refletir o quanto um dia foi feliz. A infância, marcada pela inocência, foi harmoniosa e isto é refletido no olhar do jovem de vinte anos que rememora o mundo que o cercava. A consciência, que se desenvolve na passagem da infância para a adolescência e desta para a fase adulta, faz o poeta retroagir e avaliar seu próprio passado. O saudosismo o leva a enxergar a vida de forma valorativa e os aspectos naturais de sua terra se revelam íntimos e indispensáveis à compreensão de quem o poeta é no instante em que compõe os versos. Na segunda estrofe, observamos o equilíbrio do cotidiano infantil através das descrições das ações:

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!
(ABREU, 1859, p. 14)

O equilíbrio da vida segue o curso da harmonia que há na natureza. O olhar pueril, distante das preocupações e perturbações do mundo adulto, enxerga a imensidão com a magia própria do imaginário infantil. O poeta, ao descrever a infância, faz-nos imaginar uma tela à nossa frente. Para nós, seus leitores, seria possível desenhar e colorir os espaços e as ações aos quais o poema se refere. “O céu (...) azulado” nos remete à contemplação do céu por uma criança que, deitada sobre a relva, imagina cenas que se formam e se transformam nas nuvens que passam ligeiramente.

Na terceira estrofe, os fenômenos da natureza se fundem à alegria e à ingenuidade infantis, ao mesmo tempo que são personificados: “A terra de aromas cheia, / As ondas beijando a areia/ E a lua beijando o mar!” (ABREU, 1859, p. 14). A quarta estrofe faz um paralelo entre o passado e o momento em que o eu lírico lamenta:

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias

E beijos de minha irmã!
(ABREU, 1859, p. 14)

O passado é evocado como um momento de doçura da vida, o “agora” se opõe à alegria de outrora que é marcada pelas “carícias” da mãe e os “beijos” da irmã. Podemos imaginar o choro e o soluço do eu que fala no poema e que recorda os entes queridos. Na ligação do eu lírico com os amores materno e fraterno, há paralelismo com as palavras amor e terra e isto intensifica a saudade e as recordações expressas no poema devido à distância geográfica do eu poético e de suas memórias. Observemos que as emoções descritas no início do poema são justificadas pelas recordações infantis que estão distantes temporal e geograficamente de quem fala. Embora o poema *Meus oito anos* não mencione a palavra “exílio”, sabemos que Casimiro de Abreu, quando o compôs, estava em Portugal, pois, ao final do poema, grafou “Lisboa 1857” (p.15). Na quinta estrofe, destaca-se novamente a relação de amor do eu lírico com a pátria:

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras.
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
(ABREU, 1859, p. 14)

O filho “das montanhas” se sentia livre e feliz e isto é demonstrado na ação de correr de “pés descalços” e “braços nus” em busca das “borboletas azuis”. A paisagem é familiar ao eu lírico, que é filho das montanhas, e pode ser interpretada como o sentimento de seu pertencimento à terra. A infância despreocupada também pode ser interpretada como uma metáfora de um cotidiano distante da cidade. A sexta estrofe detalha as ações próprias à vida campestre:

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
(ABREU, 1859, p. 15)

Os tempos felizes são aqueles que se confundem com as brincadeiras da infância. O tempo em que o cotidiano não interrompia a harmonia do homem com a natureza. A vida se funde às lendas e ao sonho. Viver é estar em sintonia com o

universo. A quebra dessa harmonia altera o estado de ânimo do poeta e torna-o nostálgico de um tempo que é irreversível.

Na obra de Noémia de Sousa, o *Poema da infância distante*, dedicado a Rui Guerra, na seção “biografia”, o eu lírico feminino recorda um tempo vivido na infância do qual ele não se lembra conscientemente. O tempo é recuperado através da história que um dia lhe foi contada.

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,
era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.
Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.
Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado ainda
arrastando as redes pejadas.
Na ponte, os gritos dos negros dos botes
chamando as mamas amolecidas de calor,
de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas
soavam com um ar longínquo,
longínquo e suspenso na neblina do silêncio.
E nos degraus escaldantes,
mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas.
(SOUSA, 2016, p. 42)

As lembranças de “quando eu nasci” não são determinadas por um tempo preciso, isto é, não são delimitadas pela data de nascimento do *eu* que fala no poema, assim como o espaço geográfico também não é preciso, o que nos leva à dimensão poética através do metafórico. O *eu* poético narra que nasceu numa “grande casa à beira mar, era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico”. Os substantivos “sol” e “Índico” nos fazem refletir sobre a imensidão e abrangência que estes elementos naturais têm e como incidem no estado de ânimo dos personagens e no espaço que os rodeia. O mar faz parte dos cenários recriados por Casimiro de Abreu e Noémia de Sousa, sua cor é intensificada pela luz do sol. A paisagem é descrita com detalhes na poesia de ambos os poetas e leva-nos a recriar o cenário e o tempo dos quais os personagens fazem parte. O azul do céu destaca o voo livre das gaivotas, metáfora da liberdade moçambicana ainda não alcançada. No poema de Noémia, observamos o cotidiano das mães moçambicanas que carregam seus filhos “às costas”, talvez, uma forma de designar a luta pela sobrevivência.

Na continuação do *Poema da infância distante*, lemos:

Quando eu nasci...
- Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)
e o sol brilhava sobre o mar.
No meio desta calma fui lançada ao mundo,
já com meu estigma.
E chorei e gritei – nem sei porquê.

(SOUSA, 2016, p. 42)

A narração é retomada pelo “quando eu nasci...”. As reticências interrompem a sequência narrativa do sujeito lírico, recurso que significa pausa, usada intencionalmente pelo *eu* poético como forma de recuperar a história que um dia lhe foi contada. O eu lírico se esforça para relembrar dos detalhes da paisagem conforme lhe narraram: “(...)o ar estava calmo, repousado (...) e o sol brilhava sobre o mar. No meio desta calma fui lançada ao mundo (...)” O nascimento é descrito como uma ação que interfere na calmaria a partir do momento em que o ser é “lançad[o] ao mundo”. A ação de lançar provoca um efeito de reação e isto é subentendido no “chorei e gritei”, como forma do eu lírico reagir contra o mundo que lhe é estranho e ao próprio “estigma” que o acompanha. Entretanto, as lágrimas secarão à medida que o *eu* poético desenvolve a consciência de sua inadequação ao mundo:

Ah, mas pela vida fora,
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.
E o Sol nunca mais brilhou como nos dias primeiros
da minha existência,
embora o cenário brilhante e marítimo da minha infância,
constantemente calmo como um pântano,
tenha sido quem guiou meus passos adolescentes,
- meu estigma também.
Mais, mais ainda: meus heterogêneos companheiros de infância.
(SOUSA, 2016, p. 42)

Nos versos acima, observamos a quebra da harmonia do eu lírico com a natureza, pois o seu olhar não é mais o infantil. A percepção da vida é ampliada e o *eu* não fala apenas de si, mas de uma coletividade “heterogêneos companheiros de infância”, cuja composição será descrita na estrofe seguinte.

(...)
- Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,
solta e feliz:
meninos negros e mulatos, brancos e indianos,
filhos da mainata, do padeiro,
do negro do bote, do carpinteiro,
vindos da miséria do Guachene
ou das casas de madeira dos pescadores,
Meninos mimados do posto,
meninos frescalhotes dos guardas-fiscais da Esquadilha –
irmanados todos na aventura sempre nova
(...)
(SOUSA, 2016, p. 43)

Nas recordações infantis é destacada a felicidade numa comunidade onde não há diferenças de classe social, raça ou nação, embora haja diversidade social. Todos são meninos e desfrutam das mesmas brincadeiras e aventuras. O olhar saudosista do eu

lirico compara a vida de outrora à vida do momento em que narra e expressa seus sentimentos e suas recordações permeiam o restante do poema. As histórias, as quais ouviu contar sobre o dia em que nasceu, ligam-se às memórias afetivas de uma infância que ainda é possível recordar e, através das descrições, observamos o quanto estão próximas ao tempo presente do narrador.

Se hoje o sol não brilha como do dia
em que nasci, na grande casa,
à beira do Índico,
não me deixo adormecer na escuridão.
Meus companheiros me são seguros guias
na minha rota através da vida.
Eles me provaram que “fraternidade” não é mera palavra bonita
escrita a negro no dicionário da estante:
ensinaram-me que “fraternidade” é um sentimento belo, e possível,
mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante
são tão diferentes.
(SOUSA, 2016, p. 44)

O motivo de o sol não brilhar como antes está condicionado às guerras e à exploração do sujeito negro/moçambicano na própria terra, embora, o poema não as mencione. O sol é metáfora de alegria e liberdade, enquanto “adormecer” e “escuridão” significam inércia ante a tristeza e a desesperança, mas as recordações da infância renovam a esperança do *eu* poético e alimenta o seu sentimento de “fraternidade”, “sentimento belo e possível” que se sobrepõe às diferenças de cor e ao espaço onde vive.

Noémia de Sousa viveu exilada em Portugal e, posteriormente, na França por se opor ao sistema colonial português em Moçambique ao lado de João Mendes e Ricardo Rangel. Mesmo distante de sua terra natal, lutou a favor dos oprimidos, da libertação e do nacionalismo de Moçambique, segundo comenta Secco (2016, p. 11) no prefácio de *Sangue Negro*. Noémia Foi a primeira poetisa das letras moçambicanas, sendo considerada “a mãe dos poetas moçambicanos”. No entanto, tal epíteto parece se contrapor à condição social da mulher poetisa, sobretudo, da mulher moçambicana ante a sociedade patriarcal.

A poesia de Noémia de Sousa se nutre das recordações infantis e da consciência política que ela adquiriu junto aos seus companheiros conterrâneos, enquanto esteve em Moçambique. Desterrada, jamais se esqueceu de suas origens e buscou se aliar aos que compartilhavam dos mesmos ideais. Virgínia Soares, filha da escritora, em depoimento publicado na edição da Kapulana, afirma que a mãe nunca a

deixou se esquecer de onde vinha. Apesar de ter nascido em Portugal e ter crescido na França, ainda hoje mantém vivas as memórias familiares e o contato com a literatura moçambicana as quais adquiriu por intermédio da mãe.

Nas últimas estrofes do *Poema da infância distante*, o eu lírico acredita que um dia o sol voltará a brilhar, como antigamente, e a harmonia do homem com a natureza será como dantes:

Por isso eu CREIO que um dia
o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.
Gaivotas pairarão, brancas, doidas de azul
e os pescadores voltarão cantando,
navegando sobre a tarde ténue.
E este veneno de lua que a dor me injectou nas veias
em noite de tambor e batuque
deixará para sempre de me inquietar.

Um dia,
o sol iluminará a vida.
E será como uma nova infância raiando para todos.
(SOUSA, 2016, p. 44-45)

O “veneno de lua injetado pela dor” é uma metáfora da saudade, “da infância distante”, do eu lírico junto aos seus conterrâneos “em noites de tambor e batuque” e são estas as recordações que o inquietam. Mas “um dia” a liberdade virá e os moçambicanos a viverão e por ela serão iluminados.

Na seção “Livro de João”, no poema *Um dia* o eu lírico exprime o desejo de mudança e de liberdade para o seu povo:

Quando este nosso sol ardente de África
nos cobrir a todos com a benção do mesmo calor,
quero ir contigo, amigo,
de mãos dadas, deslumbrados,
pelos trilhos abertos da nossa terra estranha,
adubada com sangue e suor de séculos...
(SOUSA, 2016, p. 103)

Nos versos acima, encontramos implicitamente recordações que se agregam às do *Poema da infância distante*. O desejo de liberdade se expressa na metáfora “sol ardente”, que cobrirá a todos os moçambicanos. A liberdade que custou “o sangue e suor de séculos” de sofrimento e resistência. A conquista da liberdade será comemorada nesta terra estranha porque, geograficamente, não é África, mas um novo lar que o moçambicano reconhece como seu. O eu lírico trilhará este novo território de mãos dadas com o amigo e será uma comemoração coletiva.

Nos três últimos versos da segunda estrofe e nos versos da terceira estrofe, observamos que o sentimento de coletividade e mais nítido:

(...)
nosso irmão negro, quebradas as grilhetas,
celebrará seu segundo nascimento
num batuque diferente de todos os outros...

Uma luz clara e doce se abrirá para todos
e nós iremos de mãos dadas,
amigo,
pelos trilhos verdes de Moçambique.
(SOUSA, 2016, p. 103)

O espírito de fraternidade é predominante entre os moçambicanos e o segundo nascimento virá para eles. No *Poema da infância distante*, o eu lírico se refere ao primeiro nascimento, que é sua vinda ao mundo, e dele se recorda indiretamente através das histórias que lhe foram contadas. O segundo nascimento é no sentido revolucionário, é a comemoração da quebra dos grilhões do colonizador e os batuques soarão distintamente aos das noites nas quais os negros cantavam as saudades de África. Os moçambicanos cantarão a “luz clara” da liberdade.

Aleida Assmann, em sua obra *Espaços da Recordação*, ao discutir sobre recordação, memória e esquecimento, tem por base diversos pensadores ocidentais que buscaram compreender tais fenômenos como processos complexos de natureza humana. Deste modo, a autora mapeia estudos que abrangem desde o pensamento grecorromano aos dias atuais, incluindo alguns dos poetas que se destacaram na literatura ocidental e busca relacioná-los com a proposta de sua pesquisa, que é abordar as tradições (mnemotécnica e discurso de identidade), as perspectivas (memórias cultural, coletiva e individual) e as mídias (textos, imagens, lugares, bem como discursos: literatura, história, arte, psicologia etc.), mas reconhece que “a memória é um fenômeno que nenhuma disciplina pode monopolizar (ASSMANN, 2011, p. 20)”. Assim, ao longo de sua obra, Assmann discute as relações entre recordações, memória e esquecimento, considerando diversas áreas das ciências humanas.

No texto “A luta das recordações nas histórias de Shakespeare”, (ASSMANN, 2011, p. 69) afirma que o nexos entre recordação e identidade ganhou novas perspectivas a partir da década de 1980, quando o mundo experimentou “a dissolução e a recuperação de fronteiras políticas e culturais.” A partir deste momento, o termo “história” passou a significar “uma nova consciência coletiva (...), um passado

recordado” (p. 69), no qual a história não seria mais escrita para os reis e estes não seriam mais os seus destinatários e “iniciadores da historiografia”, como acontecia na antiga monarquia inglesa. A nação se coloca “ao lado do rei como novo sujeito da história” (ASSMANN, 2011, p. 86-87).

Neste sentido, a história não estaria subordinada ao monarca, mas passaria a compor a formação coletiva da identidade inglesa. Na Inglaterra, o conceito de nação surge paralelo ao estado absolutista e abarca os estratos sociais onde a “história nacional se torna o ponto de referência comum, substituindo as recordações conflituosas e divergentes” (p. 86) do povo inglês. Shakespeare altera a memória feudal para a memória nacional em suas obras e isto eleva o indivíduo inglês como parte de “uma identidade abrangente (p. 86).” A autora acrescenta (p. 87) que a formação nacional não é um projeto do qual fazem parte apenas historiadores e antiquários, mas também poetas e artistas de uma sociedade. Do mesmo modo, a recordação histórica não é exclusividade de quem a escreve, uma vez que a história faz parte de uma coletividade.

Nos poemas de Casimiro de Abreu e de Noémia de Sousa identificamos certa valorização do que é nacional e isto tem como ponto de partida suas recordações pessoais. Sob o ponto de vista temporal e geográfico, ambos se distanciam um pouco menos de um século, nos quais diversos fatores sociais, históricos, políticos e artísticos guardam características específicas de cada país. Entretanto, é possível pontuarmos o que há de semelhante na poesia de ambos os autores.

De um lado, temos Casimiro de Abreu poeta romântico, cuja poesia, em sua maior parte, foi concebida enquanto estava em Portugal. Fisicamente, isto parece colocá-lo em desvantagem com relação aos compatriotas de seu tempo, mas seu sentimento de pertencimento ao Brasil é resguardado pelas recordações dos seus primeiros anos e pelo desejo de regresso ao lar. Igualmente, Noémia de Sousa se encontrava fisicamente distante de Moçambique por questões políticas, uma vez que estava exilada em Portugal. Mesmo impedida de regressar à pátria, sentia-se ligada aos seus conterrâneos pelo desejo de independência e liberdade para o seu país. Seu sentimento de pertencimento a Moçambique se renova através de suas recordações da infância.

Aleida Assmann, ao discutir sobre o ato de recordar afirma:

(...) Não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la. A recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências. (ASSMANN, 2011, p. 166)

A recordação é o retorno ao que não está presente ou ausente completamente, ou seja, é o movimento de lembrar e esquecer. Enquanto Casimiro de Abreu e Noémia de Sousa estão longe da pátria, resgatam as próprias recordações que os fazem se sentir parte de uma coletividade. Durante suas infâncias, não havia a necessidade de recordar, pois as ações eram presentes, além de não haver consciência política, histórica e social. Com o passar dos anos, na fase adulta, ambos os poetas desenvolvem a consciência de que é preciso recordar e valorar o que está distante. Casimiro de Abreu resgata suas recordações e as ressignifica, isto é, exalta poeticamente sua pátria, enquanto está longe da terra de origem, momento em que o Brasil busca independência política, econômica e artística. Da mesma forma, o faz Noémia de Sousa em exílio. Sua poesia busca resgatar as recordações não apenas pessoais, mas a história e a cultura de um povo e junta-se às demais vozes que almejam a independência de Moçambique.

As paisagens naturais do Brasil e de Moçambique se destacam nos poemas analisados, dando-nos a sensação de que ambos os escritores parecem se referir à pátria de origem em um mesmo momento artístico, embora a poesia da escritora moçambicana expresse mais fortemente a ação colonizadora e a condição social do negro. Neste sentido, observamos na poesia de Noémia de Sousa aproximação com o condoreirismo romântico brasileiro, que tem como grande representante Castro Alves. No entanto, Secco (2016, p. 16), destaca que na poesia de Noémia de Sousa “o sujeito lírico feminino se rebela contra o abuso sofrido pelas moças das docas, encaradas como objetos sexuais pelos colonizadores, cuja posse empreendida não foi só da terra (...)” e isto a coloca num patamar diferente das vozes masculinas que cantam as glórias e as tristezas dos moçambicanos. A escritora se apropria das recordações históricas de seu povo, que também são experiências vividas por ela, e renova o desejo de justiça e liberdade não apenas no contexto à época em que os poemas foram escritos, mas desperta em nós leitores a necessidade de repensarmos a condição social do homem e da mulher negros nas sociedades atuais, sobretudo, as que ascenderam às custas da exploração dos africanos.

Os caminhos que se cruzam na poesia de Casimiro de Abreu e de Noémia de Sousa não devem ser entendidos sob um mesmo aspecto social e temporal, pois ambos os autores estão submetidos a diferentes processos históricos e visões distintas da realidade. Mas isto não elimina as possibilidades de aproximações entre a linguagem poética dos dois autores, os quais se reportam às recordações da infância, temática explorada pelo Romantismo brasileiro, como forma de exprimir os seus desejos de liberdade e autonomia da pátria em forma de poesia.

A discussão sobre a aproximação entre a poesia dos dois escritores pode ser amparada sob “(...) a noção do literário como globalidade”, conforme explora Carvalhal (2003, p.71). É dentro desta noção que estão os conceitos de “(...) ‘comunidade’ e de ‘continuidade’, sendo esta última entendida como um processo que alterna memória e esquecimento”. Para a mesma autora,

é (...) na alternância de esquecimento e memória do que se lê que se organiza a continuidade literária, tal como ela se manifesta em cada texto. A intertextualidade, ao operacionalizar-se, possibilita que se recomponham os fios internos desta vasta continuidade em seus prolongamentos e rupturas (CARVALHAL, 2003, p. 75).

A alternância de esquecimento e memória pode ser entendida tanto na perspectiva de quem escreve como na perspectiva do leitor que tem em mãos textos susceptíveis aos “prolongamentos”, estes entendidos como “continuidade” e “ruptura”. Não apenas o escritor tece ou trama textos, mas também os leitores no exercício da leitura e interpretação.

Através do exercício comparatista proposto neste artigo, observamos que o poema *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu, é prolongado na leitura e interpretação dos dois poemas de Noémia de Sousa. Por mais que tenhamos de um lado um escritor situado no Romantismo brasileiro, é possível tecermos “fios internos” de uma linguagem que ora se aproxima, ora se distancia da poesia da escritora moçambicana e vice-versa. Ao leitor crítico, cabe esquadrihar os caminhos que se cruzam em qualquer tempo e lugar da poesia.

Casimiro de Abreu se aproximou do povo brasileiro através do vocabulário simples, considerado pela crítica como coloquial, conforme comentado no início deste trabalho, mas, ao lermos seus poemas, experimentamos do seu lirismo singular que nos faz lembrar nossas próprias recordações infantis e perguntamo-nos se deixamos de ser

ou continuamos românticos, se nossas recordações são ilusões ou possibilidades de mudanças.

Noémia de Sousa, por sua vez, além da exploração da temática social e de sua contribuição no processo de independência de Moçambique, buscou valorizar traços da oralidade de origem africana e da cultura moçambicana na sua poesia, como aponta Secco (2016, p. 14-15). No entanto, sua poesia são recordações de uma coletividade, de um passado marcado pela colonização, cujas tensões ainda refletem no presente moçambicano.

4. Considerações finais

Neste artigo buscamos aproximar algumas das características da poesia da escritora moçambicana Noémia de Sousa que se cruzam com a poesia de Casimiro de Abreu, poeta do Romantismo brasileiro. A partir das recordações infantis de ambos os poetas, observamos como o desejo de liberdade e a exaltação à pátria se manifestam em sua poesia enquanto estão distantes da terra natal. Rememorando momentos da infância, os poetas valoram o passado e, submetidos aos fatores históricos, artísticos e sociais de seu tempo, cantam a saudade e as recordações de sua pátria, levando-nos a ver a poesia não somente como uma justificativa para os sentimentos do eu lírico, mas também uma forma de o poeta se expressar como parte de uma coletividade.

O poeta é voz de seu tempo e de uma sociedade, apesar da poesia ser atemporal e não existir para justificar determinados fins. Através da produção poética de um escritor, é possível reconhecermos traços históricos, políticos e sociais de uma época. As leituras que realizamos das diversas áreas do saber nos permitem cruzar caminhos e reconhecer semelhanças de escritas.

A aproximação entre poetas de diferentes épocas se realiza através do exercício interpretativo do leitor que reconhece entre os textos caminhos que se cruzam, dando continuidade ao “tramar”, “combinar” e “entrelaçar” significados, conforme discute Carvalho (2003, p. 75).

Referências

ABREU, Casimiro de. **As primaveras**. Disponível em: dominiopublico.gov.br. Acessado em 30 de nov. de 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**. Formas de transformação da memória cultural. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

Biblioteca Virtual de Literatura
<<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/CasimirodeAbreu/CasimirodeAbreu.htm>>. Acesso em: 6 de jan. de 2022)

CARVALHAL, Tania Franco. **Intertextualidade**: A migração de um conceito. In: *O próprio e o Alheio*. Ensaios de Literatura Comparada. São Leopoldo RS: Ed. UNISSINOS, 2003.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**: Origens e Unidade. V.I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Dicionário Bibliográfico para pesquisas. 1ª. ed. Vol. 1. Prof. A. C. Barbosa. São Paulo: Editora Egéria LTDA, 1979.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo F. **A literatura no Brasil**: volume 3, estilos de época: era romântica. 3.ed., rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. “Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. **Cadernos CESPUC**. Belo Horizonte, v., n. 16, p., 16-69. 2º Semestre. 2007. Disponível em: Acesso em: 01. maio. 2019.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. São Paulo: Kapulana, 2016.

RECUERDOS E POESÍA: CAMINOS QUE SE CRUZAN EN LA OBRA DE CASIMIRO DE ABREU Y NOÉMIA DE SOUSA

Resumen

Este artículo, investiga algunas de las características románticas en la poesía de la escritora mozambiqueña Noémia de Sousa (1926-2002), sobre todo, dos poemas del libro *Sangue Negro* (2016), *Poemas da infância distante* y *Um dia*, que dialogan con *Meus oito anos*, poema de *As primaveras* (1859), de Casimiro de Abreu (1839-1860), poeta brasileño. En los tres textos el yo lírico evoca recuerdos infantiles y paisajes de su tierra natal y nutren la añoranza y el deseo de regreso a sus orígenes. Aunque los autores estén separados geográfica y historicamente, observamos que sus recuerdos son parte de una colectividad que pretende lograr autonomía poética y contribuyen con la construcción del pensamiento nacional. En esta discusión, incluimos *Espaços da Recordação* (2011), de Aleida Assmann (2011), que considera los recuerdos y sus relaciones con la identidad personal, la historia y la nación, “Intertextualidade: A migração de um conceito”, artículo de Tania Carvalhal (2003), que extiende la discusión acerca del olvido y memoria, “Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa”, de Maria Nazareth Soares Fonseca y Terezinha Taborda Moreira (2007), que reconocen la contribución brasileña en el proceso de independencia literaria de Mozambique. Así, buscamos contribuir con los estudios comparatistas que intenten aproximar los dos países.

Palabras clave

Romanticismo. Modernismo. Poesía mozambiqueña. Recuerdos infantiles.

Recebido em: 21/02/2022

Aprovado em: 03/05/2022